

textos

Capinan e o movimento dos barcos

Eliete Eça Negreiros



Algumas músicas causam tal impacto na vida da gente que se tornam um marco em nossa existência, talvez pela capacidade que têm de expressar de modo poético o espírito de uma época ou o alumbramento de um instante, ou alguma verdade que estava ali, dispersa, ansiando um dia ser dita ou encontrada. Quase como magia, muitas canções são, assim, a expressão de uma infinidade

Este texto é uma adaptação para versão impressa do artigo escrito para o blog Questões Musicais da revista *Piauí*.

ELIETE EÇA NEGREIROS é cantora, doutora em Filosofia pela FFLCH-USP e autora de *Ensaio a Canção: Paulinho da Viola e Outros Escritos* (Ateliê).

de sentimentos, emoções, impulsos, pensamentos, uma iluminação interior, ordem sutil no caos que se move dentro da gente e que busca encontrar uma forma que o contenha e o apazigue e que lhe dê sentido.

José Carlos Capinan, quando compôs “Movimento dos Barcos”, deu voz a uma geração, ao estado de espírito de uma época, que assumia a mudança e a transformação como filosofia de vida. E era a minha geração. Ansiávamos por mudanças na estrutura familiar, na sociedade, no modo de ser e de estar no mundo. Queríamos abrir a boca e falar aquilo que se passava conosco, em nosso interior, quebrar a casca da aparência que estava sufocando a exuberância da nossa juventude. Queríamos um mundo mais fraterno, mais justo. Tanta miséria, tanta desigualdade, tanta opressão. Haveria de existir um outro modo de o mundo e a gente ser.

Anos 70. Fizemos dos amigos nossa família. Misturamos política e existencialismo e vivemos todos os conflitos que disso resultou. Queríamos abraçar o movimento, passar junto com o tempo – “as coisas passando eu quero/ passar com elas, eu quero/ e não deixar nada mais do que as cinzas de um cigarro/ e a marca de um abraço no seu corpo não”.

Transitoriedade, transformação, impermanência, descoberta de si, do outro, do mundo, mudança de costumes. “É impossível levar um barco sem temporais/ e suportar a vida como um momento além do cais”. Antropofagicamente nos apropriamos do lema da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade, Fraternidade –, sob um outro ângulo, sob o sol dos trópicos, *terra brasilis*. “Não sou eu quem vai ficar no porto chorando, não,/ lamentando o eterno movimento,/ movimento dos barcos, movimento”. Como cantei e toquei esta canção, incontáveis vezes. Por um

tempo foi minha voz, a voz do meu ser, foi o meu hino, ou melhor, meu mantra. Chegava em casa, pegava o violão e ficava cantando. Uma oração. E também como a escutei com Bethânia e Macalé. Jards Macalé e Capinan. Nosso poeta Capinan e sua sabedoria. E eu também não queria “ficar no porto chorando, não,/ lamentando o eterno movimento,/ movimento dos barcos, movimento”. Queria celebrar a passagem dos dias e das horas, “as coisas passando, eu quero/ passar com elas, eu quero”.

A poética de Capinan é multifacetada, tanto na temática quanto na forma. Há canções com temas regionais, que falam do Nordeste, como “Ponteio”, “Viola Fora de Moda”, com influência da literatura de cordel – “Disso eu me encarrego/ Moda de viola/ Não dá luz a cego, ah, ah” –, e outras de um lirismo puro de histórias encantadas que lembram as brincadeiras da infância no sertão, como “Cirandeiro” – “Ó cirandeiro, ó cirandeiro, ó,/ a pedra do teu anel/ brilha mais do que o sol”.

Sobre isso, Capinan falou a Torquato Neto numa entrevista em 1967:

“Torquato: Sente-se forte influência temática e formal de literatura de cordel em suas letras. Por quê?

Capinan: Na linguagem, na estrutura e também na escolha de personagens, como em ‘Viramundo’, há, realmente, essa influência. A literatura de cordel, as rodas infantis, aboios, sambas de roda, etc., fazem parte de minha infância – e eu conservo ainda, com emoção, muitas das coisas que aprendi e me comoveram, nos primeiros momentos”.

Outras canções são de profunda reflexão sobre a vida, o amor, a morte, letras de

uma beleza estranha e estonteante, como a valsa “Vinhos Finos... Cristais”, em parceria com Paulinho da Viola, que me impressionou tanto, com seu eco baudelairiano – “o amor doente entre os dentes da saudade [...] chão, caixão, escada/ apenas um jogo de palavras entre tudo e nada/ entre os dentes podres da canção”; como “Orgulho”, também em parceria com Paulinho da Viola, poesia surpreendentemente moderna e barroca ao mesmo tempo – “não se usam mais os pés dourados/ nem as promessas de um amor/ ornamentado e vazio” –, e que termina com uma das mais belas frases sobre a natureza do tempo – “O tempo é um pássaro/ de natureza vaga” –, e que me fez lembrar Santo Agostinho, que nas *Confissões* se pergunta: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”. “O tempo é um pássaro/ de natureza vaga”: explicar não explicando, assim faz Capinan e, assim, chegamos mais perto do mistério do tempo, tocamos a sua margem invisível, sedutora e volátil. Nos atreveríamos a mergulhar?

Que letras deslumbrantes! Eu conhecia essas canções sem me dar conta de que quem falava através delas era Capinan. Aos poucos fui reconhecendo a face do poeta, que já estava ali, revelada e oculta, naqueles versos. O grande poeta e letrista José Carlos Capinan nasceu em Esplanada, na Bahia, em 19 de fevereiro de 1941. Em 1960 foi para Salvador, onde fez faculdade de Direito e curso de Teatro no Centro Popular de Cultura. Em 1963 escreveu a peça *Bumba Meu Boi*, musicada por Tom Zé. Em 64, com o golpe militar, precisou deixar Salvador e veio para São Paulo. Aqui, conheceu Geraldo Vandré, Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal,

novos amigos que o apresentaram ao meio musical paulistano. Na sequência, conheceu Edu Lobo, que viria a ser um de seus grandes parceiros, ao lado de Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Jards Macalé, Caetano Veloso e outros.

Capinan participou ativamente dos movimentos culturais que agitavam o Brasil na década de 60, como o Centro Popular de Cultura (CPC), a Feira de Música, juntamente com Paulinho da Viola, Caetano Veloso, Torquato Neto e Gilberto Gil, e o Tropicalismo, com Caetano, Gil, Torquato, Tom Zé, Mutantes, Nara Leão, Rogério Duarte, Rogério Duprat e Gal Costa. Em 1965 compôs, em parceria com Caetano, a trilha sonora do filme *Viramundo*, de Geraldo Sarno. Na música-título, seu parceiro é Gilberto Gil: “Sou viramundo virado,/ Na ronda das maravilhas,/ Cortando a faca e facão/ Os desatinos da vida”.

Foi em 1965 que Capinan teve sua primeira música gravada, “Ladainha”, parceria com Gil: “Festa de morto é ladainha/ Medo de vivo é solidão/ Luto por amor e morro/ De facas no coração”.

No ano seguinte concorreu ao II Festival de Música Popular da Record, com “Canção para Maria”, em parceria com Paulinho da Viola e interpretada por Jair Rodrigues.

Em 1967, “Ponteio”, composição sua e de Edu Lobo, seria a vencedora de um dos mais agitados e importantes festivais de música do país, o III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record. Dentre as músicas que concorriam estavam “Alegria, Alegria” (Caetano Veloso), “Domingo no Parque” (Gilberto Gil), “Roda-viva” (Chico Buarque), “Eu e a Brisa” (Johnny Alf), “A Estrada e o Violeiro” (Sidney Miller). Foi nesse festival que Sérgio Ricardo perdeu o controle diante de

uma plateia ensandecida que não parava de vaiar e não o deixava cantar “Beto Bom de Bola” e quebrou seu violão, arremessando-o ao público. “Ponteio” foi interpretada por Marília Medalha, Edu Lobo, grupo vocal Momento Quatro e o Quarteto Novo, que era formado por nada mais nada menos que Hermeto Pascoal, Heraldo do Monte, Airto Moreira e Théó de Barros.

Zuza Homem de Mello, em *A Era dos Festivais*, faz uma análise da composição de Capinan e Edu Lobo:

[...] dividida em três segmentos, A-A-B-C-C, sendo B (*Parado no meio do mundo...*) menos um arremate à primeira parte, A, do que um preparatório para o refrão, C (*Quem me dera agora...*), o qual é muito bem explorado à medida que a música avança. A letra de Capinan, de raiz sertaneja, tinha uma interação política bem ao gosto da plateia mais politizada, com alusões certeiras ao desejo de mudança: *‘Certo dia que sei por inteiro/ eu espero, não vá demorar/ este dia estou certo que vem/ digo logo o que vim pra buscar (...) vou ver o tempo mudado/ e um novo lugar pra cantar’*. Era o bordão contra a ditadura militar, o mesmo que havia em ‘Arrastão’ e em ‘Disparada’ e que fazia a plateia inflamar-se. Ao mesmo tempo, o arranjo, magnificamente elaborado, teria o destino de empolgar o mais indiferente dos ouvintes. Após uma introdução de viola e violão com percussão e flauta, Edu e Marília cantam em uníssono a canção completa, sendo que, na terceira vez do refrão, Théó troca o violão pelo contrabaixo, dando mais peso ao acompanhamento. Na primeira repetição da música, com outra letra, a flauta de Hermeto faz um comentário que lembra uma banda de pífanos, iniciando num crescendo

com outros componentes: a entrada do grupo vocal no refrão, os ‘ponteio!’ ecoando nas brechas e um longo ‘ponteá’ harmonizado que substitui a introdução. Na terceira repetição, a contagiante percussão de Airto é ainda mais ressaltada, o quarteto vocal faz uma cama para o casal de solistas e entram palmas no refrão que, após um ‘láá la-iaá’, é repetido modulado, com mais palmas no refrão e escalas eficazes bem nordestinas da viola de Heraldo. O ritmo do baião é acelerado até a culminante frase final *‘Quem me dera agora/ eu tivesse a viola pra cantar’*”.

Também em 1967, Maria Bethânia grava “Cirandeiro”: “Ó cirandeiro,/ Ó cirandeiro, ó,/ A pedra do teu anel/ Brilha mais do que o sol”. E Edu Lobo, “Corrida de Jangada”, gravada depois por Elis Regina, ambas em parceria com Edu: “Meu mestre deu a partida,/ É hora vamos embora/ Pros rumos do litoral/ Vamos embora/ Na volta eu venho ligeiro/ É hora vamos embora/ Eu venho primeiro/ Pra tomar seu coração”.

Gilberto Gil, no LP *Louvação*, grava “Água de Meninos” – “Na minha terra, Bahia,/ Entre o mar e a poesia/ Tem um porto, Salvador,/ As ladeiras da cidade/ Descem das nuvens pro mar/ E num tempo que passou/ Toda a cidade descia/ Vinha pra feira comprar” – e “Viramundo”, ambas em parceria com Capinan.

Em 1968, no LP *Caetano Veloso*, que contém “Alegria, Alegria”, Caetano grava “Clarice”, parceria com Capinan – “Clarice era morena/ Como as manhãs são morenas/ Era pequena no jeito/ De não ser quase ninguém// Que mistério tem Clarice?/ Que mistério tem Clarice?/ Pra guardar-se assim tão firme no coração?” –, e também “Soy Loco por Ti América” (Gilberto Gil

e Capinan), escrita pouco depois da morte de Che Guevara – “El nombre del hombre muerto/ Ya no se puede decirlo, quién sabe?/ Antes que o dia arrebeante,/ Antes que o dia arrebeante,/ El nombre del hombre muerto./ Antes que a definitiva noite se espalhe em Latinoamérica/ El nombre del hombre es pueblo/ El nombre del hombre es pueblo”.

Nesse mesmo ano, Capinan participa da gravação do antológico LP manifesto da Tropicália *Panis et Circensis*, com “Miserere Nobis”, parceria com Gilberto Gil: “Miserere-re nobis/ Ora, ora pro nobis/ É no sempre será, ô, Iaiá/ É no sempre, sempre serão”.

Também em 68, Capinan, em parceria com Jards Macalé, participa do IV Festival Internacional da Canção (TV Globo) com a irreverente “Gotham City”. A plateia conservadora se escandalizou. Conta o jornalista e crítico musical Carlos Calado, em seu livro *Tropicália, a História de uma Revolução Musical*:

“Na melhor tradição tropicalista, usando uma longa bata colorida, para cantar a provocadora ‘Gotham City’, que fez em parceria com Capinan, Macalé já entrou no palco do Maracanãzinho aos gritos: ‘Cuidado! Há um morcego na porta principal! Cuidado! Há um abismo na porta principal!’”.

O grande encontro de Capinan e Jards Macalé será celebrado na gravação do LP *Jards Macalé*, de 1972, disco que foi cultuado e escutado até a exaustão na época da ditadura militar por uma geração que se sentia oprimida, sufocada num mundo sem horizontes, buscando alguma saída; disco de tom desesperado, desiludido, diário sentimental e existencial da geração dos anos 70, de nossas ilusões perdidas. Em minha

casa, na Rua Cardeal Arcoverde, 845, em Pinheiros, região em que moravam muitos artistas, estudantes e intelectuais, a maioria ligada à Universidade de São Paulo, e que chamávamos de nosso Quartier Latin, ouvimos muito esse disco, eu e meus amigos Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. Eu cantava “Movimento dos Barcos” e “Meu Amor Me Agarra & Geme & Treme & Chora & Mata”: “Meu amor é um tigre de papel/ Range, ruge, morde, mas não passa/ De um tigre de papel”.

Deslumbrantes canções nasceram nos anos 70 e 80 do encontro de Capinan e Paulinho da Viola. Em 1971, Paulinho da Viola grava “Vinhos Finos... Cristais” e “O Acaso Não Tem Pressa”. Em 1972, no LP *A Dança da Solidão*, mais duas joias dessa parceria: “Orgulho” e “Coração Imprudente” – “O que pode fazer/ Um coração imprudente/ Se não fugir um pouquinho/ De seu bater descuidado/ E depois/ De cair no chorinho/ Sofrer de novo o espinho/ Deixar doer novamente”.

Em 1978, “Sofrer”: “Sofrer/ Não faço outra coisa na vida/ A minha alma sofrida/ Quer descansar sem saber/ Como abandonar de vez/ Esta pele ferida/ Maltratada e curtida/ Tudo que a vida me fez”.

Em 1983, no LP *Prisma Luminoso*, Paulinho da Viola grava mais duas parcerias com ele: “Mais que a Lei da Gravidade” – “O grão do desejo quando cresce/ É arvoredo, floresce/ Não tem serra que derrube/ Não tem guerra que desmate/ Ele pesa sobre a terra/ Mais que a lei da gravidade” – e “Prisma Luminoso” – “Arrepende-se nunca mais,/ Amar nunca é demais,/ Sofrer faz parte deste jogo,/ Amor é fogo,/ Pode queimar,/ O choro é um prisma luminoso,/ Meu coração não tem mais medo de chorar”.

Para terminar este mergulho na obra de Capinan, quero apontar a presença marcante em sua poética do elemento água e toda a simbologia que daí advém. Água do mar, água do rio, Yemanjá e Oxum, lágrima e origem da vida, lição de constante transformação, imagem líquida do tempo, heraclitiana, que

percorre o corpo diáfano das letras das canções de Capinan, as quais, dialeticamente, passam e permanecem em nossa vida, pois “O tempo é como o rio/ Onde molhei o cabelo de minha amada/ Água limpa que não volta/ Como não volta aquela antiga madrugada” (“O Tempo e o Rio”, Edu Lobo e Capinan).